

O cárcere feminino em cena: representações da Aids em *A Mancha Roxa*, de Plínio Marcos.

Lucas de Souza Serafim

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Resumo: Em sua obra, o dramaturgo santista Plínio Marcos (1935 – 1999) retratou personagens excluídas da condição de cidadãos: marginais, prostitutas, travestis, criminosos sádicos, presidiários cruéis, policiais corruptos etc. Suas principais características textuais são a força nos diálogos, a linguagem rápida, as cenas ágeis, a economia dramática, o uso de gírias e jargões e as descrições pictóricas. A peça teatral *A Mancha Roxa* se ocupa do tema da Aids revelando a fragilidade do ser humano ante a força opressora da sociedade e do Estado. Nesta peça as personagens são vítimas da exclusão social, do sistema desigual gerado pela sociedade, sobretudo as elites. O texto dramático aborda a questão das relações de poder no interior do mundo prisional, o que, via de regra, quase não aparece nas notícias jornalísticas a respeito das prisões. Além de lembrar os dez anos de morte do dramaturgo, este texto pretende discutir as representações do gênero feminino no teatro brasileiro tanto em relação ao sistema carcerário quanto em relação à pandemia de Aids.

Palavras-Chave: Plínio Marcos, Dramaturgia, Aids.

Abstract: The santist playwright Plínio Marcos, in his work, retracted excluded characteres of them citizen conditions: delinquents, hookers, transvestite, criminals, sadistics, cruel prisoners, corrupt policemen etc. His principal text's characterists are the stronger dialogs, the quickly language, agile scenes, dramatic economy, the use of slang and jargon and pictory descriptions. The play *A mancha roxa* care about AIDS, revealing the fragility of human been, under presure of society and State. The characteres are vitimes of the social exclusion, of the unfair sistem created by society, especially the elite. The dramaturgic text talk about the questions of power, relationships inside prision world, which, in the most time, almost don't appear in the news about prision. As well as remember ten years of Plínio Marcos's death, this text intend dicuss the female representations in the Brazilians theatre as much in relation to the prision sistem as the AIDS pandemy.

Key words: Plínio Marcos, Dramaturgy, AIDS.

Este texto é um excerto de um trabalho de pesquisa maior que busca analisar as representações da síndrome da imunodeficiência adquirida (aids) e do vírus da imunodeficiência humana (HIV) através de peças teatrais. O *corpus* inicial do projeto foi composto pelas peças *Zona Contaminada*, de Caio Fernando Abreu (autor gaúcho nascido no ano de 1948 e morto em decorrências da aids em 1996) e *A Mancha Roxa*, de Plínio Marcos (autor santista nascido em 1935 e falecido em 1999).

Plínio Marcos destacou-se no panorama da dramaturgia nacional por retratar personagens excluídas da condição de cidadãos. Estes párias são colocados em destaque para ocupar seu lugar de fala e exigir seu direito ao grito (Cf. MARTINS, 2007: 141). Sua vasta produção, ainda não totalmente reunida, engloba crônicas, romances, contos e peças teatrais (algumas não publicadas).

A força nos diálogos, a linguagem rápida, as cenas ágeis, a economia dramática, o uso sistemático da gíria e do jargão, descrições pictóricas/miméticas são características textuais de Plínio Marcos. Destacam-se os conflitos sexuais, com ênfase na homossexualidade e na prostituição. A utilização de palavrões e gírias é recorrente nos textos do autor, os quais podem sugerir ao leitor/espectador uma relação ambivalente: por um lado, a representação do submundo e a maneira através da qual é possível denunciar as atrocidades que ocorrem neste universo; por outro, um traço estilístico do autor que tende a aproximá-lo (ou afastá-lo) do leitor/espectador.

A primeira obra dramatúrgica de Plínio Marcos foi *Barrela* (1958), peça teatral que retrata uma cena de curra no cárcere masculino – devido à ditadura, a peça ficou sob censura por dez anos. A peça reflete o cerceamento da liberdade do indivíduo, denunciando o perigo que ele corre numa sociedade oprimida e opressora.

Depois de trinta anos, o autor retomou o tema do cárcere, na peça teatral *A Mancha Roxa* (1988). Diferentemente de *Barrela*, *A Mancha Roxa* surge para denunciar a falência do sistema prisional e a precariedade do serviço de saúde tanto para a população carcerária quanto para a sociedade civil.

Esta peça também se ocupa do tema da Aids, revelando a fragilidade do ser humano ante a força opressora da sociedade e do Estado. As personagens são vítimas da exclusão social, do sistema desigual gerado pela sociedade, sobretudo as elites.

Segundo Rafael de Luna FREIRE (2008), no ano de 1988, o médico Dráuzio Varela convidou o autor para escrever um texto dirigido aos presos da Cadeia de Detenção, em São

Paulo. O texto de Plínio Marcos que alertava para os perigos do contágio da aids no presídio, intitulado *Ei, amizade!*, foi transformado pela agência Adag e TV Cultura em um vídeo exibido numa campanha educativa prisional. Essa experiência serviu de matéria-prima para a elaboração da peça teatral *A Mancha Roxa*, numa época em que a síndrome era vista com extremo preconceito.

Esta peça, assim como *Barrela*, também pretende abalar a consciência do espectador, incomodando-o quanto ao submundo brasileiro. Todavia acrescentando a esta perspectiva a ameaça de um vírus contagioso e letal, contribuindo para a expansão da idéia de que todos são vulneráveis.

Em *A Mancha Roxa*, das seis detentas que cumprem a penitência, quatro têm assegurado por lei o direito à cela especial. Todavia, outras duas também desfrutam do benefício, exibindo uma prática trivial de subversão da ordem legal. A cela especial representa a hipocrisia social, onde toda hierarquia e legalidade são carnavalizadas.

A preferência do autor por utilizar o espaço da cela especial para encenar a síndrome parece advir do desejo de auxiliar no desgaste de estigmas. Afinal, focalizar esta doença numa cela comum poderia contribuir para reforçar o preconceito de que crime e aids são problemas que afetam somente as classes sociais ou economicamente menos favorecidas.

Os perfis de cada personagem são nítidos; cada nome transmite uma clara intenção de crítica à sociedade. Santa, advogada ciumenta que matou o marido, profere trechos bíblicos relacionados à hipocrisia da sociedade e à causa da doença; Isa, dependente de drogas que foi presa por tráfico, é psicóloga e refém emocional de Linda; Doutor é uma enfermeira que roubava medicamentos no hospital; Linda e Tita estão na cela especial sob proteção de Grelão – a primeira assassinou uma lésbica e a segunda foi amante da carcereira; Professora, juntamente com seu amante, assassinou o marido.

Santa representa o sujeito ambíguo, vivendo em constante conflito. Suas falas, que são permeadas pelo tema da repressão e dos tabus sexuais, fazem ecoar o discurso religioso. Simultaneamente com o Estado, a religião, na peça, serve como instrumento de repressão e garantia de uma suposta civilidade na sociedade. A representante da repressão do Estado é Grelão, a carcereira que possui o instinto de agressão, o discurso autoritário e traz à cena instrumentos de tortura física e moral. Portanto, para as demais detentas, Grelão e Santa encarnam e exibem a força, a chantagem, a corrupção, a contravenção, sendo, portanto, as primeiras figuras que devem ser suprimidas.

Por este motivo as detentas se organizam e se unem na rebelião, instaurando-se a luta em busca dos interesses que não beneficia somente um indivíduo, antes, porém, serve a um grupo, a uma coletividade.

Uma referência à doença que se destaca, devido à sua recorrência, é o bordão “Pelo sangue. Pela porra. Pela merda.”, frase que sempre é falada pelas personagens após uma questionar a outra quanto à forma de transmissão da doença. Esta expressão metaforiza as formas de transmissão da aids. “Pelo sangue” alude às formas de contaminação através do sangue: através de transfusões; da mãe para o feto; ou ainda no compartilhamento de seringas intravenosas. “Pela porra” e “Pela merda” fazem menção às formas de transmissão através de relações sexuais homoeróticas ou heteroeróticas. Como sempre, Plínio Marcos amplia a reflexão, levando à cena personagens marginalizadas, excluídas e sem direito ao grito, mostrando como também podem ser mais facilmente vitimadas.

O dramaturgo escancara a ferida mais escondida e menos óbvia, a aids. O foco se volta para a doença que ultrapassa os limites de classe social, étnicos, religiosos, de gênero, os limites políticos etc. Esta peça encerra em si a demolição do mito da existência de grupos de risco; todos são vulneráveis à contaminação pelo HIV: dependentes químicos, homossexuais, heterossexuais, profissionais do sexo, mulheres, psicólogas, advogadas, religiosas, enfermeiras, professoras, batedoras de carteira, entre outros. A síndrome é encenada como um mal que acomete tanto a elite quanto a população em geral (ou, no caso, os encarcerados).

O desfecho da peça insere o leitor/espectador como entidade co-participante da situação. Ele é incomodado quanto a sua posição passiva diante do texto-espetáculo e, por conseguinte, do tema; é convidado a participar ativamente na construção dos sentidos da obra. Fica estabelecida uma relação direta entre o texto e o leitor, a peça e o espectador e, em última instância, o autor e o leitor/espectador.

Ao fim, o fato narrado excede o simples relato descritivo da realidade local, já que denuncia as injustiças sociais sofridas pelos indivíduos do submundo marginalizado, cuja voz é sufocada pelo discurso do dominador.

Atualmente, são analisados neste trabalho de pesquisa três aspectos da representação da síndrome de HIV/aids. Primeiramente, a maneira através da qual foram se diversificando as visões sobre a síndrome na sociedade brasileira; por ser a pioneira, a peça de Vagner de Almeida intitulada *Adeus Irmão, Durma Sossegado* torna-se um dos principais objetos de pesquisa. Outro aspecto é o comprometimento da qualidade literária das peças com intenção mais eminentemente didática; para tal é utilizada a coletânea de peças intitulada *Aids e teatro:*

15 dramaturgias de prevenção, publicada pela editora Senac Rio em colaboração com a (X)Brasil e o Ministério da Saúde no ano de 2004, que reúne quinze textos produzidos para campanhas de prevenção. E, finalmente, o espetáculo, a montagem da peça, o mérito do grupo teatral, do diretor, da produção etc; neste caso, merece destaque a montagem da peça *O Livro de Jó*, de Luís Alberto de Abreu, pelo grupo Teatro da Vertigem, de São Paulo.

Referências

- Abreu, W. C. *Quando o teatro encena a cadeia: atualidade e recepção da dramaturgia de Plínio Marcos*. São Leopoldo/RS: Unisinos, 2001.
- Carvalho, J. A. *O amor que rouba os sonhos: um estudo sobre a exposição feminina ao HIV*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- Dalcastagnè, R. *Uma voz ao sol: representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea*. “Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea”. Brasília, n. 20, jul/ago, 2002, p. 33-87.
- Enedino, W. C. “O discurso da exclusão em Plínio Marcos: uma leitura de *A Mancha Roxa*”. In: Fachin, Lídia et al (org.). *Teatro em debate*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2003. p 257 – 286.
- Freire, R. L. *Navalha na tela: Plínio Marcos e o cinema brasileiro*. São Paulo: Tela Brasilis, 2008.
- Galvão, J. *A AIDS no Brasil: a agenda de construção de uma epidemia*. Rio de Janeiro: ABIA; São Paulo: Ed. 34, 2000.
- Lopes, D. “O entre-lugar das homoafetividades”. *Ipotesi Revista de Estudos Literários*. v. 5, n. 1. Juiz de Fora, jan./jun. de 2001, pp. 37 – 48.
- Mann, J. et al. (org.). *A AIDS no mundo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: ABIA: IMS, UERJ, 1993.
- Marcos, P. *A Mancha Roxa*. São Paulo: [s. n.], [19--].
- Martins, G. F. “De pisantes e pisados – Representações da Falta (Percurso e intertextuais e interdiscursivos com Alberto Moravia e Plínio Marcos)”. In Cairo, L. R. V. et al (org.). *Nas malhas da narratividade – Ensaio sobre literatura, história, teatro e cinema*. Assis: FCL da UNESP, 2007 (pp. 141-154).
- Pires, D. B. M. *O teatro marginal: uma análise entre obras de autores “malditos”*. Dissertação (mestrado em Letras) – Programa de Pós Graduação em Letras, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2004.
- Sontag, S. *Doença como metáfora, AIDS e suas metáforas*. Trad. Rubens Figueiredo e Paulo Henrique Britto. São Paulo: Companhia de bolso, 2007.
- Trevisan, J. S. *Devassos no paraíso (a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade)*. 6 ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- Triveloni, M. V. G. *Plínio Marcos e a perspectiva utópica de superação*. Dissertação (mestrado em Letras) – Programa de Pós Graduação em Letras, Faculdade de Ciências e Letras de Assis da Universidade Estadual Paulista – UNESP, Assis, 2007.
- Versa, C. R. *O teatro de Plínio Marcos: linguagem e mascaramento social*. Dissertação (mestrado em Letras) – Programa de Pós Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2007.

Submetido em: 12 de agosto de 2009
Aprovado em: 15 de janeiro de 2010